

Mara Coelho de Souza Lago
Universidade Federal de Santa Catarina

Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções

Resumo: *Este artigo procura discutir as articulações/tensões entre teorias feministas e psicanálise, comentando autoras tradicionalmente conhecidas no campo dos estudos de gênero no Brasil. Considerando a questão da difusão das teorias, através da tradução de textos fundadores e relevantes, detém-se nos acidentes e percalços que invariavelmente ocorrem nas "viagens de teorias"¹ para outras línguas, países, continentes, contextos, ressaltando, no entanto, e a despeito deles, a importância da tradução para a difusão e o diálogo das teorias.*

Palavras-chave: *teorias; feminismo; gênero; psicanálise.*

Copyright © 2010 by Revista
Estudos Feministas.

¹ Claudia de Lima COSTA, 2000.

Introdução

A psicologia ocupou-se tradicionalmente com as questões das diferenças individuais, tendo inclusive constituído uma subárea – psicologia diferencial – para a qual as diferenças de sexo (como sempre foram tratadas) são fundamentais. No entanto, como costumamos ressaltar, a psicologia não esteve nas linhas de frente no movimento de construção do campo de estudos feministas e dos estudos de gênero. Pelo contrário, chegou ao campo, fundamentalmente interdisciplinar, quando ele já se consolidava em outras áreas das ciências humanas e sociais.

Se a comunicação com a psicologia não se faz tão efetiva nos momentos mais iniciais dos estudos feministas e de gênero, estes são fortemente marcados pelo diálogo, muitas vezes carregado de tensões, com a psicanálise. Esse diálogo dos estudos feministas com a psicanálise é uma questão de interesse nas pesquisas, fundadas que são em nossas concepções de constituição de sujeito – sujeitos de gênero, geração, classe, etnia.

Ao lado das questões colocadas pelas "viagens das teorias" analisadas por Claudia de Lima Costa,² entre outras/os, e ressaltadas como um dos temas significativos da atualidade, tornado incontornável pelas perspectivas dos

² COSTA, 2000. Conferir também as seções Debates organizadas pela autora na *Revista Estudos Feministas*.

estudos multiculturais, a tradução dos escritos de feministas e estudiosas de gênero tem considerável importância para a difusão e o diálogo teórico, intra e interdisciplinares.

Sem adentrar nos problemas das viagens das teorias e remetendo à leitura de Costa e autoras/es que ela indica, destacamos sua referência a J. Hillis Miller,³ para quem as traduções resultam sempre em desfigurações da teoria, além de que, "[...] quando a teoria viaja, ela desfigura, deforma e transforma a cultura e ou a disciplina que a recebe".⁴ A simples consideração da tradução dos títulos de coletâneas como a organizada por Teresa Brennan,⁵ ou do livro de Nancy Chodorow,⁶ nas publicações da Editora Rosa dos Tempos, falam dessas questões.⁷ Como podemos perceber, na viagem para o Brasil, as tensões entre as teorias feministas e a psicanálise são acirradas, já de início.

A própria psicanálise convive com os problemas da viagem de seus conceitos, desde pelo menos a primeira edição inglesa dos escritos de Freud, na tradução, organização e publicação por seu editor James Strachey, da Coleção Standard de suas obras (psicológicas) completas. Por exemplo, as vicissitudes do conceito de pulsão, com a tradução de *trieb* por *instinct* na edição inglesa, já são suficientemente conhecidas. O fato de a teoria freudiana ter feito viagens para as Américas a partir das edições inglesas mostra os itinerários e alcances das desfigurações biológicas que possa ter sofrido nesses percursos.

De qualquer forma, nas viagens empreendidas, a tradução das teorias para as línguas locais é condição importante para sua difusão e para o diálogo interdisciplinar.

Feministas e psicanálise: (des)encontros

O estudo pioneiro de Simone de Beauvoir, publicado no Brasil na década de 60, causou impacto e reflexão, como ocorreu nos diferentes países para os quais viajou, influenciando ou despertando para as questões feministas algumas gerações de mulheres.⁸ Beauvoir dialogava também com a psicanálise, numa posição crítica.

Na segunda metade da década de 70 e nos anos 80, quando os movimentos feministas se desenvolviam e autonomizavam no Brasil da ditadura militar, alguns escritos feministas que aqui aportaram (vindos dos Estados Unidos) tiveram bastante repercussão, especialmente entre as feministas acadêmicas.⁹ Um texto bastante divulgado no Brasil e publicado numa primeira coletânea traduzida para o português em 1979, *A mulher, a cultura e a sociedade*, foi o da psicanalista americana Nancy Chodorow "Estrutura familiar e personalidade feminina".¹⁰ Esse artigo e a obra da autora, analisada por Scott como exemplo das teorias

³ MILLER, 1996, citado por COSTA, 2000.

⁴ COSTA, 2000, p. 46.

⁵ BRENNAN, 1997.

⁶ CHODOROW, 1990.

⁷ O livro de Chodorow (*The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*, de 1978) foi publicado no Brasil com o título *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. A coletânea organizada por Teresa Brennan (*Between Feminism & Psychoanalysis*, de 1989) teve seu título traduzido em *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*.

⁸ Conferir a produção de artigos e publicações a partir de 1999, por ocasião das comemorações do cinquentenário da primeira edição francesa de *O segundo sexo*.

⁹ Em entrevistas posteriores, algumas delas frisaram serem feministas acadêmicas militantes (Adriano NUERNBERG, 2005), matizando, no caso brasileiro, a tradicional cisão academia/militância.

¹⁰ CHODOROW, 1979. A tradução de seu livro de 1978 (*The Reproduction of Mothering*) só foi publicada no Brasil em 1990.

¹¹ GILLIGAN, 1982.

¹² Contribuindo para a indiferenciação feita por outras áreas disciplinares e por estudiosas de gênero, entre a psicologia e a psicanálise.

¹³ A psicanálise das relações de objeto comporta divisões entre os kleinianos (inspirados em Melanie Klein) e os não kleinianos. “Embora Chodorow observe que a teoria das relações objetais se popularizou menos nos Estados Unidos que na Europa, é significativo que as teorias da escola das relações objetais usadas por ela se superponham às da escola da psicologia do ego americana. Apesar de manifestas diferenças (os egopsicólogos são biólogos, Chodorow não é), as duas escolas enfatizam a adaptação como um objetivo da psicanálise, privilegiam a realidade externa [...]. Ambas desconsideram a teoria kleiniana porque esta não se fundamenta na realidade externa” (Toril MOI, 1997, p. 273). Para uma caracterização das designadas psicologias do eu (por Lacan) e suas marcadas diferenças com a psicanálise, conferir Geselda BARATTO, 1996; e Geselda BARATTO e Fernando AGUIAR, 2007.

¹⁴ Ao contrário do que concebe Freud sobre as penosas encruzilhadas do caminho das meninas rumo à feminilidade, na continuidade das identificações à mãe, ao mesmo tempo em que devem redirecionar seu amor a um novo objeto, o pai.

¹⁵ CHODOROW, 1979, p. 66.

¹⁶ O menino se identifica com aspectos do papel masculino paterno, uma identificação menos pessoal, difusa, com valores, traços comportamentais do pai, sempre mais distante do filho que a mãe e o feminino, do qual deve se desidentificar. Essa relação mais formal, racional, distante, dos meninos com o pai marcaria seus relacionamentos posteriores.

¹⁷ CHODOROW, 1979, p. 66.

¹⁸ Tendo como protagonistas, de um lado, Freud e psicanalistas como Jeanne Lampl de Groot, Hélène Deutch e Ruth Mack-Brunswick, e de outro Karen

de relações de objeto, junto ao livro de Carol Gilligan *Uma voz diferente*,¹¹ marcaram a contribuição do campo *psi* para os estudos feministas e de gênero (não só entre as teóricas brasileiras), além de colocar a psicologia (e a psicanálise) na área dos chamados feminismos da diferença.¹²

Chodorow é uma psicanalista que se coloca na corrente da psicanálise das relações de objeto¹³ e faz particularmente, em sua concepção do desenvolvimento dicotomizado das personalidades masculina e feminina na estrutura familiar, uma inversão das elaborações freudianas sobre a vivência diferenciada de meninos e meninas da situação edípica e do complexo de castração. Ela dá ênfase às mudanças nas identificações parentais realizadas pelos meninos (da simbiose com a mãe à identificação ao pai, diante da ameaça de castração), considerando mais penoso o processo de desenvolvimento da personalidade masculina. Na continuidade das identificações das filhas a suas mães e ao ambiente doméstico das mulheres, as meninas de Chodorow passam quase incólumes pelo Édipo.¹⁴ Essas meninas, no entanto, identificam-se com papéis sociais subordinados, pouco valorados, no desenvolvimento da estrutura da personalidade feminina, que a autora caracteriza como *relacional*, “menos individualizada, com limites do ego mais flexíveis”,¹⁵ em contraste com a personalidade masculina, *posicional*¹⁶ – “[...] para os meninos e os homens tanto o problema da individualização quanto o da dependência tornam-se vinculados ao sentido de masculinidade ou identidade masculina”.¹⁷

Nessa linha de crítica a Freud (que reforça o posicionamento da psicanálise ao lado dos feminismos da diferença), contrapondo ao que caracterizam como o *monismo sexual fálico* do autor, a *prevalência do princípio feminino*, questões que acompanham a psicanálise desde “a grande polêmica” ocorrida em torno das reflexões sobre a feminilidade na década de 30,¹⁸ podemos colocar Robert Stoller,¹⁹ autor de particular importância dentro dos estudos de gênero,²⁰ além de algumas psicanalistas traduzidas e publicadas no Brasil (pela Artes Médicas, em geral), como Janine Chasseguet-Smirgel²¹ e Emilce Dio Bleichmar.²² A questão da feminilidade tem uma ampla bibliografia traduzida e produzida no Brasil, já que é um dos temas cruciais da psicanálise. Aqui, procuramos atentar para os escritos de algumas autoras dos estudos de gênero (mais difundidos entre nós) que, num diálogo interdisciplinar, refletem sobre as interseções entre as teorias feministas e a psicanálise.

Um texto fundamental para os estudos de gênero no Brasil foi o da historiadora Joan Scott, publicado na *Revista Educação e Realidade* em 1990, em tradução de Guacira Louro.²³ Nesse artigo, fazendo um balanço dos estudos

Horney, Ernest Jones, Melanie Klein e Joan Riviere. Sobre o assunto, conferir Joan RIVIÈRE et al., 1979.

¹⁹ STOLLER, 1993.

²⁰ Stoller utiliza o termo “estudos de gênero” em psicanálise, em seus trabalhos sobre a aquisição da identidade de gênero.

²¹ CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988.

²² BLEICHMAR, 1988.

²³ Guacira Lopes Louro realizou sua tradução a partir da versão francesa do artigo de Scott, publicada em 1998, em *Les Cahiers du Grif*, n. 37/38. Em 1995, *Educação e Realidade* (v. 20, n. 2) publicou novamente “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, em versão revisada por Tomaz Tadeu da Silva apoiada no original em inglês, revisão importante, no sentido de ter recuperado o termo “inconsciente”, traduzido inicialmente como “subconsciente”.

²⁴ SCOTT, 1990, p. 10-11.

feministas até então para defender a utilidade da categoria *gênero* nas análises históricas, a autora percorre as três vias em que eram produzidos: as teorias do patriarcado, focadas nas questões da subordinação feminina; os estudos das teóricas marxistas, centrados nas relações de produção/reprodução e nas análises das divisões sexuadas do trabalho; e as teorias psicanalíticas, voltadas para as questões da subjetividade. Quando se detém sobre essa terceira via de estudos, Scott faz uma síntese didática, diferenciando a psicanálise das relações objetais, das leituras estruturalistas e pós-estruturalistas de Freud, inspiradas na releitura lacaniana dos seus escritos. A leitura de seu texto é importante para uma primeira aproximação entre psicanálise e estudos de gênero, isso porque a autora faz uma exposição (e uma crítica) bastante lúcida da psicanálise. Algumas psicanalistas feministas conseguiram ser bem mais simplistas e lineares em suas críticas a Freud (e Lacan).

Um exame da teoria psicanalítica exige uma distinção entre escolas [...]. Há a escola anglo-americana, que trabalha com os termos das teorias de relações de objeto. Nos Estados Unidos é o nome de Nancy Chodorow o mais associado a esta abordagem [...]. Contrariamente à escola anglo-americana, a escola francesa se fundamenta sobre as leituras estruturalistas e pós-estruturalistas de Freud no contexto das teorias da linguagem (para as feministas a figura central é Lacan).²⁴

Após ter estabelecido as diferenças entre as duas abordagens, Scott expõe sua crítica, destacando as dificuldades que se apresentam às historiadoras que utilizam a categoria “gênero” em suas análises. Numa demonstração do peso da influência de Chodorow sobre o trabalho de Gilligan, Scott inclui essa autora ao falar da psicanálise das relações objetais nos Estados Unidos. Gilligan não é psicanalista e desenvolve sua análise em diálogo com Kolberg e em oposição a esse autor, psicólogo americano que pesquisou, fundamentado em Piaget, o desenvolvimento do juízo moral diferenciado, segundo suas conclusões, entre meninos e meninas.

Ressaltamos que quando Scott analisa a teoria de relações objetais, ela está se referindo especificamente à obra de Chodorow (e não aos kleinianos):

Minha reserva para com a teoria das relações de objeto concentra-se em seu literalismo, no fato de basear a produção de identidade de gênero e a gênese da transformação em estruturas de interação relativamente pequenas. Tanto a divisão de trabalho na família quanto a atribuição real de tarefas a cada um dos pais desempenham um papel crucial na teoria

de Chodorow [...]. Esta interpretação limita o conceito de gênero à esfera da família e à experiência doméstica e, para o historiador, ela não deixa meios para ligar esse conceito (nem o indivíduo) a outros sistemas sociais, econômicos, políticos ou de poder.²⁵

²⁵ SCOTT, 1990, p. 11.

Para fazê-lo, a autora advoga a consideração aos sistemas simbólicos:

[...] aos modos como as sociedades representam o gênero, servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência; sem processo de significação não há sentido [...] uma teoria que não leve (a linguagem) em consideração não saberá perceber os poderosos papéis que os símbolos, as metáforas, e os conceitos jogam na definição das personalidades e da história humanas.²⁶

²⁶ SCOTT, 1990, p. 11-12.

Comparando as duas escolas, como ela as chama, sobre os modos como concebem a formação da identidade de gênero, ela ressalta o fato de as teóricas das relações de objeto

enfatarem a influência da experiência concreta (a criança vê, ouve, tem relações com aqueles que se ocupam dela, em particular, com seus pais), enquanto que os/as pós-estruturalistas enfatizam o papel central da linguagem na comunicação, na interpretação e na representação do gênero. (Para os/as pós-estruturalistas, 'linguagem' não designa somente as palavras, mas os sistemas de significação – ordens simbólicas – que precedem o domínio real da fala, da leitura e da escrita).²⁷

²⁷ SCOTT, 1990, p. 11.

A autora considera instrutivo na leitura lacaniana da psicanálise o fato de a diferenciação sexual em relação ao falo como significante central tornar

[...] problemáticas as categorias de 'homem' e 'mulher' ao sugerir que o masculino e o feminino não são características inerentes, mas constructos subjetivos (ou ficcionais). Essa interpretação implica também que o sujeito se acha em processo constante de construção e oferece um meio sistemático de interpretar o desejo consciente e inconsciente, ao destacar a linguagem como um objeto apropriado de análise.²⁸

²⁸ SCOTT, 1990, p. 12.

Mas Scott também tece críticas à leitura pós-estruturalista da psicanálise a partir da obra de algumas teóricas de gênero que utilizam as concepções de Lacan. Como historiadora, ela se sente incomodada pela fixação da teoria nas

questões relativas ao sujeito individual, e pela tendência a reificar, como a dimensão central do gênero, o antagonismo subjetivamente produzido entre homens e mulheres [...] mesmo que a maneira pela qual 'o sujeito' é construído permaneça aberta, a teoria tende a universalizar as categorias e as relações entre masculino e feminino.²⁹

²⁹ SCOTT, 1995, p. 12.

Assim, a autora conclui que a leitura lacaniana da teoria psicanalítica também não apresenta abertura para as noções de especificidade e variabilidade históricas.

Entre as teóricas feministas americanas, talvez Scott seja a mais conhecida no Brasil e, certamente, a mais traduzida. Teve seu livro *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem* publicado pela Editora Mulheres em 2002, além de inúmeros textos em revistas feministas nacionais, como *Cadernos Pagu*, *Revista Estudos Feministas* (e também *Educação e Realidade* e algumas coletâneas).³⁰

³⁰ Conferir, na entrevista que deu à *Revista Estudos Feministas* (Miriam GROSSI, Maria Luísa HEILBORN e Carmem RIAL, 1998), seus comentários a respeito do texto "Gênero: uma categoria útil..." e sua repercussão entre as/os estudiosas/os de gênero no Brasil.

³¹ Para um diálogo mais atual sobre esse texto, conferir a entrevista realizada por Judith Butler com Gayle Rubin, publicada pela *Cadernos Pagu* (BUTLER, 2003a).

³² Realizada em 1974 por Edith Piza, doutoranda em Psicologia Social na PUC-SP.

³³ RUBIN, 1975.

Outra autora bastante difundida nos estudos de gênero entre nós (embora pouco traduzida) é a antropóloga Gayle Rubin, cujo ensaio "The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex",³¹ de 1975, circulou em tradução particular³² e só em 1993 foi publicada no Brasil, pela ONG SOS Corpo de Recife.

Rubin³³ constrói uma extensa reflexão sobre os escritos feministas, e sua fixação na questão da subordinação da mulher, fundados nas teorias do matriarcado original e nas leituras de Marx. Propõe uma explicação alternativa para as relações em que as mulheres se tornam oprimidas, mediante o conceito de *sistema sexo/gênero*: "[...] conjunto de arranjos pelos quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas".³⁴ Distinguindo sexualidade e gênero, ela reúne os termos da dicotomia em um mesmo sistema.

³⁴ Tradução de Edith Piza.

³⁵ "É um livro cujo insight não deve ser encoberto por suas limitações. A idéia de que as 'relações de sexualidade' podem e devem ser distinguidas das 'relações de produção' não é a única das intuições de Engels" (RUBIN, 1975, p. 5).

Seu propósito, depois de considerar as aberturas que a obra de Engels *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*³⁵ introduz (e não chega a realizar) para tratar da opressão das mulheres, é mostrar que a antropologia, na obra de Levi-Strauss, e a psicanálise de Freud (visto pela lente de Lacan, conforme indica) oferecem ferramentas para analisar as relações em que as mulheres se tornam domesticadas. Mas, a seu ver, se ofereceram as ferramentas conceituais para analisar o sistema sexo/gênero no qual as mulheres são oprimidas, não deram o passo para denunciar/transformar os processos que as subordinam. "Tanto psicanálise como antropologia estrutural são, nesse sentido, as mais sofisticadas ideologias do sexismo presente."³⁶

³⁶ RUBIN, 1975, p. 29.

Ressaltando que nos Estados Unidos a tradição psicanalítica fetichizou a anatomia – uma das fortes razões para as tensões entre psicanálise/movimentos feministas e movimentos gays – ela critica as leituras biologizantes de Freud, as formas como o fundador da psicanálise teorizou as consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos e, enfim, a própria releitura da psicanálise freudiana realizada por Lacan.

Na medida em que vai interpretando as concepções estruturalistas de Lévi-Strauss sobre a troca de mulheres pelos homens (em suas implicações nas organizações dos sistemas de parentesco que fundam as sociedades) e as concepções freudianas sobre o complexo de Édipo (em suas implicações para a organização das estruturas psíquicas individuais, na diferenciação de crianças bissexuais em meninos e meninas), a autora introduz a crítica que faz às duas teorias, no sentido de explicarem e reforçarem a institucionalização da heterossexualidade como norma. Para Rubin, como teorias do gênero, a antropologia estruturalista e a psicanálise, mais do que racionalizarem a subordinação das mulheres na organização das relações de parentesco e na constituição psíquica de sujeitos de gênero nas relações parentais/culturais, reproduzem as relações em que as mulheres são oprimidas e outras manifestações da sexualidade são banidas.

Segundo as palavras de Muriel Dimen, em artigo sugestivamente intitulado “Corações estranhos: da relação paradoxal entre psicanálise e feminismo”,

Entre o trabalho de Rubin, que lançou os estudos contemporâneos sobre gênero, e o de Mitchell, que facilitou a apropriação feminista anglófona da teoria de Jacques Lacan sobre a subjetividade sexuada, há todo um campo de tensão que abarca o encontro entre feminismo e psicanálise.³⁷

³⁷ DIMEN, 2000, p. 191.

As autoras que trazemos, além de refletirem sobre psicanálise e feminismo (e gênero, e história, e antropologia...), em geral também estão refletindo sobre marxismo e psicanálise. Nesse campo, a teórica Juliet Mitchell tem um papel de destaque. Seu artigo “Women’s: The Longest Revolution”, que a colocou entre as feministas marxistas clássicas, foi publicado pela *Revista Civilização Brasileira* já em 1967.³⁸ No entanto, seus textos mais difundidos no Brasil são de um período posterior, em que ela já aderira à psicanálise, levada por Althusser à leitura de Jacques Lacan.³⁹ O livro de Mitchell de 1974, *Psicanálise e feminismo: Freud, Reich, Laing e mulheres*, publicado no Brasil em 1979, contém as reflexões (datadas) da autora, centradas na concepção de patriarcalismo.⁴⁰ Sua grande questão, já

³⁸ MITCHELL, 1967.

³⁹ Conferir a crítica de Jane GALLOP, 1997, à autora, pelas acentuadas marcas da formação marxista de Mitchell na sua leitura de Lacan.

⁴⁰ MITCHELL, 1979.

bem colocada na introdução deste estudo, é a rejeição da psicanálise pelas feministas. Se estas veem Freud e sua teoria como misóginos e patriarcalistas, Mitchell procura retratá-lo como teorizador de e sobre uma sociedade patriarcalista, e não como um defensor ou promotor do sistema patriarcal da sociedade que analisa. Nesse sentido, segundo ela, as teóricas feministas teriam mais ganhos em utilizar suas contribuições, que em descartá-las.

A autora analisa as concepções teóricas de outros autores – como Laing e Reich –, estes sim, bem aceitos pelas feministas como representantes de um pensamento libertário que se antepõe às práticas sociais repressoras da sexualidade – na família, nas instituições, nas políticas de Estado. Defendo-se na análise das teorias desses autores, ela resgata Freud como o verdadeiro revolucionário, por desligar a sexualidade dos genitais, transbordando-a, circulando-a por todo o corpo erogenizado, desprendendo-a da reprodução biológica e tomando-a como atividade central na organização do psiquismo humano. Nesse sentido, seria ele o autor que poderia contribuir melhor com o avanço das reflexões feministas – estas só ganhariam com a incorporação da teoria de Freud.

Ao final do livro, em seu esforço de recuperação da psicanálise para as teorias e o movimento feministas, Mitchell responde aos escritos de feministas históricas, críticas de Freud e da psicanálise, como Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Shulamith Firestone, Germaine Greer, Eva Figs e Kate Millet.⁴¹ Já seu outro livro, publicado no Brasil em 1988, *Psicanálise da sexualidade feminina*, é a tradução do texto *Psychoanalysis: Child Development and the Question of Femininity*, que reúne artigos editados em diferentes momentos e publicações inglesas.⁴² Os textos que o compõem foram facilitadores, na viagem da teoria, pela apropriação anglófona dos escritos de Lacan, conforme frisou Dimen.⁴³ O livro realiza este objetivo: o de explicar os conceitos fundamentais da psicanálise na releitura lacaniana da obra de Freud, enfatizando o significado das concepções de inconsciente e sexualidade para as teorias feministas. Assim, trata das questões referentes à distinção sexual em Freud – as teorias psicanalíticas da diferença sexual, onde analisa a grande polêmica conceitual psicanalítica desenvolvida em torno do assunto; o desenvolvimento da sexualidade infantil; feminilidade e teoria; narrativa e psicanálise; psicanálise, humanismo, linguística.

Muriel Dimen⁴⁴ define Mitchell como uma psicanalista revisionista e, na crítica que lhe faz, Jane Gallop⁴⁵ enfatiza seu esforço para historicizar os conceitos psicanalíticos. Como podemos perceber, Juliet Mitchell é uma autora que promove o diálogo do feminismo e dos estudos de gênero

⁴¹ MITCHELL, 1999 (Segunda Parte, Seção II, *O feminismo e Freud*, p. 308-375).

⁴² MITCHELL, 1988.

⁴³ DIMEN, 2000.

⁴⁴ DIMEN, 2000, p.191.

⁴⁵ GALLOP, 1997.

com a psicanálise, como teórica feminista e psicanalista. A publicação (e tradução) dos seus escritos veio contrapor uma outra voz, de dentro da psicanálise de língua inglesa, às feministas que criticavam o monismo sexual fálico de Freud e a concepção lacaniana do falo como significante masculino diferenciador de feminilidades e masculinidades, no processo de sexuação deflagrado pelo complexo de castração.⁴⁶

Nessa altura podemos lamentar a falta de tradução das obras das feministas psicanalistas francesas, Júlia Kristeva (*Le temp des femmes; Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'abjection*), Hélène Cixous (*La jeune nné; Le rire de la Meduse*), Luce Irigaray (*Speculum: de l'autre femme: ce sexe qui n'est pas un; L'etique de la différence sexuelle*), em suas críticas e polêmicas com Lacan e os lacanianos, a partir de perspectivas femininas, e no interior da psicanálise francesa.

A teórica americana Jane Flax teve o artigo "Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista" publicado em coletânea organizada por Heloísa Buarque de Hollanda (*Pós-modernismo e política*, de 1992).⁴⁷ Professora de filosofia e economia política, além de psicoterapeuta de orientação psicanalítica,⁴⁸ Flax é conhecida entre as/os estudosas/os de gênero, inclusive por já ter vindo dialogar com feministas brasileiras na academia. Seu livro *Thinking Fragments: Psychoanalysis, Feminism and Postmodernism in the Contemporary West*, publicado em 1990 pela University of California Press, foi traduzido para o espanhol por Ediciones Cátedra em 1995.⁴⁹ Nele, Flax analisa o que chama de "pensamentos de transição": a psicanálise, as teorias feministas e as teorias pós-modernas, os conhecimentos que, segundo ela, vêm abalar as estruturas do pensamento moderno gestado no Século das Luzes. Silvia Tubert, que introduz a edição espanhola de seu livro, acredita que ele "... se situa en una encrucijada entre diversas disciplinas y podría muy bien considerarse como una culminación de la historia de las complejas y polémicas relaciones entre el psicoanálisis y el feminismo teórico".⁵⁰ Ressalvando esta expectativa de "momento culminante" na continuada polêmica entre teorias feministas e psicanálise, que estão sempre retornando, e com níveis renovados de sofisticação, o diálogo que Flax desenvolve entre feminismo, psicanálise e pós-modernismo justifica a consideração de suas reflexões.

Colocando as concepções fundamentais das teorias feministas, da psicanálise, do pós-modernismo (apesar dos diferentes pensamentos que compõem cada um destes campos), ela ressalta os modos como contribuíram para solapar as crenças no sujeito universal da razão, nas verdades e conhecimentos universais, nas explicações totalizadoras

⁴⁶ Aí, as discussões de gênero já se encontram no terreno do pós-estruturalismo, em que as introduziram as leituras de Foucault e das feministas que dialogavam com Foucault, Derrida, Deleuze...

⁴⁷ FLAX, 1992.

⁴⁸ Silvia TUBERT, 1995.

⁴⁹ FLAX, 1995.

⁵⁰ TUBERT, 1995, p. 7.

do mundo, na objetividade das ciências (e, no caso das filosofias pós-modernas, na implosão das dicotomias que informam o pensamento moderno). São os pensamentos fragmentários que trabalham com ambivalências, com paradoxos. “Las feministas y los psicanalistas también nos muestran que el pensamiento nos es la única fuente de conocimiento, ni siquiera necesariamente la mejor”.⁵¹

⁵¹ FLAX, 1995, p. 65.

⁵² Para esclarecimentos sobre Donald Woods Winnicott, médico e psicanalista inglês com larga experiência no tratamento de crianças e que construiu suas concepções sobre o desenvolvimento psicológico infantil mantendo uma posição de independência dentro da British Psychoanalytical Society, entre os partidários de Melanie Klein e de Ana Freud (que se contrapõem a respeito da clínica psicanalítica de crianças), conferir Elisabeth ROUDINESCO e Michel PLON, 1998.

⁵³ BARATTO, 1996.

No caso da psicanálise, Flax analisa escritos de Freud e Lacan, naquilo que interessam às questões feministas, dialogando com os dois autores e com Winnicott,⁵² que contrapõe aos primeiros. Winnicott é um dos autores que Lacan considera como tendo desenvolvido uma “psicologia do ego”, o que colocaria sua teoria fora do campo da psicanálise, pela ênfase que dá à noção de um eu consciente, estruturado, em detrimento da concepção freudiana de inconsciente e seu lugar central na teoria psicanalítica.⁵³ Ecos da influência das psicologias do ego aparecem em todo o texto de Flax, que utiliza o conceito de self (yo na tradução espanhola) e muito pouco a categoria “sujeito”, quando analisa os pensamentos fragmentários de transição, psicanálise(s), pós-modernismo(s) e feminismo(s).

Con todas sus deficiencias, el psicoanálisis presenta las teorías mejores y más prometedoras acerca de cómo llega a existir, cambia y persiste en el tiempo un yo que de forma simultánea está encarnado, es social, (ficticio) y real. [...] Además, a menudo sin intención, revela mucho sobre lo que Freud llama ‘el enigma del sexo’ y su carácter central en la formación de un yo, un conocimiento y una cultura en su conjunto. Las teorías psicoanalíticas también nos ayudan a comprender el poder en sus formas no institucionales: cómo se entretejen las relaciones de dominio en la urdimbre del yo y cómo se entrelazan el deseo y el dominio.⁵⁴

⁵⁴ FLAX, 1995, p. 70-71.

Ao final do livro, quando faz dialogarem os pensamentos transicionais, Flax ressalta:

La retórica posmoderna sobre ‘el yo’ es a la vez uno de sus rasgos más intrigantes y decepcionantes. Como las teóricas feministas, los posmodernos intentan particularizar y hacer históricas todas las nociones del ‘yo’. Sin embargo, a diferencia de éstas y de los psicoanalistas, los desconstrutores posmodernos del yo vacían la subjetividad de todo significado o contenido posibles. El deseo posmoderno es volver la conversación sobre el yo tan anacrónica e irrelevante como serían las discusiones sobre el ‘éter’ para los físicos contemporáneos.⁵⁵

⁵⁵ FLAX, 1995, p. 374.

Flax já enfatizara que, como clínica, não poderia abrir mão de um “[...] yo central sin el que no es posible el registro del placer de una serie de experiencias de nosotros

⁵⁶ FLAX, 1995, p. 357.

mismos, los otros y el mundo exterior".⁵⁶ Da mesma forma que muitas feministas, ela teria que suspeitar, conforme ressalta, dos motivos para a negação teórica da existência da subjetividade, ou de uma realidade exterior constituída por relações não textuais de dominação.

Dadas las formas particulares del yo y la represion (política y psicodinâmica) que las mujeres pueden experimentar en la cultura occidental, las teóricas feministas tienen un interés especial en construir conceptos del yo que hagan justicia a toda la complejidad de la subjetividad y los espacios en los que probablemente se encuentre.⁵⁷

⁵⁷ FLAX, 1995, p. 358.

⁵⁸ BRENNAN, 1997.

A publicação da coletânea organizada por Teresa Brennan⁵⁸ dos textos produzidos por teóricas feministas, resultantes de sua participação em seminários realizados na Universidade de Cambridge entre janeiro e julho de 1987, aproximou-nos de autoras pouco traduzidas no Brasil, ressaltando também o papel da crítica literária feminista no diálogo entre feminismo e psicanálise.⁵⁹ Além disso, resgatou a relevância, para esse diálogo, da obra de feministas francesas da escritura feminina, evidenciando a lacuna existente na literatura acadêmica de gênero no Brasil, em virtude da falta de tradução e divulgação dessas autoras entre nós.

⁵⁹ Para uma descrição mais detalhada desses artigos, conferir LAGO, 2001.

A autora mais traduzida e discutida nos estudos de gênero entre nós atualmente tem sido, talvez, a americana Judith Butler. Mais que pelo seu papel na construção do campo das teorias *queer*, pelas propostas conceituais que tem produzido na desconstrução das identidades de gênero e em sua concepção de gênero como performance, suas posições atingem níveis avançados de reflexão na discussão com os escritos psicanalíticos, quando se detém, por exemplo, na questão do modelo de heterossexualidade compulsória, que analisa em relação ao conceito freudiano de *melancolia*, ou quando ressignifica o conceito de *forclusão* da psicanálise para desenvolver sua análise singular sobre exclusão, na concepção de *corpos abjetos*.⁶⁰

⁶⁰ Para um aprofundamento de reflexões sobre a relação de Butler com a psicanálise e sobre o pensamento desta teórica, conferir Patrícia Porchat KNUDSEN, 2007. Conferir também a entrevista que Butler concedeu a esta autora, no presente número da *Revista Estudos Feministas* (p. 161-170).

⁶¹ María Luisa FEMÍNIAS, 2003.

⁶² BUTLER, 1987.

⁶³ BENHABIB e CORNELL, 1987.

⁶⁴ BUTLER, 1998.

⁶⁵ PRINS e MEIJER, 2002.

⁶⁶ BUTLER, 2003a.

⁶⁷ BUTLER, 2003b.

Butler tem formação em filosofia e produziu trabalho inicial sobre Hegel.⁶¹ Teve seu artigo "Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig, Foucault"⁶² publicado no Brasil em coletânea organizada por Seyla Benhabib e Drucilla Cornell, editada pela Rosa dos Tempos em 1987.⁶³ Em 1998, a revista *Cadernos Pagu* publicou tradução de seu artigo "Contingent Foundations: Feminism and the Question of 'Posmodernism'", de 1990.⁶⁴ Em 2002, teve a entrevista que concedeu a Baukje Prins e Irene Meijer, na Holanda, traduzida e publicada pela *Revista Estudos Feministas*⁶⁵, e, em 2003, a *Cadernos Pagu* publicou a entrevista que realizou com Gayle Rubin.⁶⁶ Nesse ano teve também seu livro *Gender Trouble*, de 1989, editado pela Civilização Brasileira.⁶⁷

Os estudos de gênero, ao tratarem dos temas de constituição do sujeito, subjetividade, sexualidade, passam necessariamente pelos discursos da psicanálise, reforçando a importância das traduções e viagens das teorias, na promoção dos diálogos trans e interdisciplinares.⁶⁸

⁶⁸ Naturalmente, este texto deixou de fora muitas autoras.

Concluindo

Parafraseando Joan Scott,⁶⁹ as querelas das mulheres com a psicanálise vêm se produzindo desde o século passado, quando Freud⁷⁰ começou a revisar sua concepção da existência de um certo paralelismo entre a organização psicológica de meninos e meninas na experiência do complexo de Édipo, quando se debruça sobre a questão da diferenciação sexual, perguntando-se como se constituem, de crianças marcadas originalmente pela bissexualidade, pela indiferenciação psíquica entre os sexos, meninas (e meninos). Distanciando-se das explicações biológicas, ele elabora sua concepção do complexo de castração e dos modos como meninos e meninas viviam essa experiência de se depararem com as diferenças entre os sexos – é então que Freud institui o falo como significante da diferenciação entre feminilidade e masculinidade (no tempo fálico da organização da sexualidade). A partir daí vai elaborar suas reflexões sobre os difíceis caminhos da menina em direção à feminilidade, quando ela abandona seu primeiro objeto de amor – a mãe – para eleger um novo objeto. Muitas de suas concepções (inveja do pênis, o superego diferenciado de homens e mulheres, a divisão do aparelho genital feminino, o masoquismo e o narcisismo de homens e mulheres) inauguraram as polêmicas entre as feministas e a psicanálise.⁷¹

⁶⁹ SCOTT, 2001.

⁷⁰ A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade) (1923). Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos (1923). A dissolução do complexo de Édipo (1924). Sexualidade feminina (1931). Feminilidade (1933[1932]) (FREUD, 1969).

⁷¹ MITCHELL, 1979, p. 437.

Ao mesmo tempo, na elaboração dessas concepções sobre a sexualidade feminina, Freud precisou responder às analistas mulheres, na intensa polêmica que provocaram com sua produção resultante da descoberta da importância da ligação das analisandas com suas mães, nos momentos pré-edípicos da sexualidade infantil.

A grande polêmica dos anos 30 no seio da psicanálise envolveu as contestações mais importantes feitas por psicanalistas (na maioria mulheres) às elaborações freudianas sobre Édipo, castração, feminilidade. Segundo Sílvia Tubert,

[...] al desconocer la dimensión histórica (no se nace hombre o mujer, sino que se llega a serlo a través de un complejo proceso, en el que tiene una radical importancia la relación del niño o de la niña con sus padres y su identificación con ellos) y simbólica (la castración vehiculiza la prohibición del incesto, es decir, introduce la dimensión de las leyes que organizan la

cultura en la subjetividad) de la explicación freudiana de la organización de la diferencia entre los sexos, los críticos se vieron obligados, más allá de la validez de su cuestionamiento del falocentrismo de la misma, para el que aún hoy no tenemos alternativas satisfactorias, a recurrir a una explicación biológica [...]. Estos autores centraron la discusión en la naturaleza de la sexualidad femenina en sí misma, estudiándola como algo aislado, dado, independiente de la operación simbólica de división que la crea, y buscaron esclarecer qué es la mujer, lo que los condujo a posiciones esencialistas y naturalistas, de las que Freud había intentado explícitamente apartar al psicoanálisis.⁷²

⁷² TUBERT, 1995, p. 12.

⁷³ TUBERT, 1995.

Tubert⁷³ ressalta que, se a psicanálise influenciou as teorias e movimentos feministas, também se viu afetada pelos avanços desses movimentos e nos anos 70 se iniciou novamente um grande debate entre psicanálise e feminismo, agora envolvendo as formulações de Jacques Lacan. Conforme enfatiza Tubert, enquanto nos anos 20 e 30 as/os críticas/os de Freud postularam uma feminilidade primária e essencial, descrevendo e ressaltando uma sequência normativa de desenvolvimento e um eu coerente, Lacan retomou os conceitos freudianos de inconsciente, e de inscrição e divisão psíquicas, que se contrapõem a qualquer pretensão de uma identidade psíquica sexual homogênea e unificada, marcando que é precisamente o desejo que questiona a unidade do sujeito e, com ela, qualquer identidade sexual unitária ou definitiva. Essa autora ressalta ainda, comparando esses diferentes momentos de polêmicas internas à psicanálise sobre as questões da feminilidade, que, se a teoria das relações objetais maximizou a importância da presença imediata encarnada na mãe, a releitura da psicanálise feita na França por Lacan constituiu seu mito de origem a partir da *ausência* materna:

[...] si [a teoría das relações objetais], que tuvo una amplia aceptación en el mundo anglo-americano, invoca o conjura a la madre pré-edípica, [Lacan] insiste en su pérdida [que] se traduce en el concepto más generalizado de pérdida originária, de una falta constitutiva del sujeto, que parece desplazada y velada por el lenguaje pero que persiste alentando el deseo.⁷⁴

⁷⁴ TUBERT, 1995, p. 21-22.

As análises das teorias, que as vão desdobrando e levando-as por outros caminhos, fazendo-as conversarem com outras teorias, em outros tempos e lugares, costumam invariavelmente opor-lhes novas perguntas, fazer-lhes novas exigências – perguntas que não eram as dos fundadores, exigências que não existiam nos contextos em que foram elaboradas. Perguntas, exigências, discursos que se tornaram possíveis pelas dinâmicas políticas dos movimentos,

da vida social, e pelo próprio avanço das teorias. Perguntas que fundamentam as críticas a elas, mas que muitas vezes desconsideram o contexto social, histórico, cultural, discursivo em que foram gestadas. Algumas teorias são chamadas a responder a todas as questões, a obter todas as faltas. É o que acontece com a psicanálise, especialmente no que se refere às questões da subjetividade e da sexualidade, tão caras aos estudos e às práticas feministas e de gênero.

Referências bibliográficas

- BARATTO, Geselda. "Descobrimo o encobrimento da descoberta freudiana: a psicanálise e a 'ego psychology'". *Estilos da Clínica*, v. 1, n. 1, p. 156-177, 1996.
- BARATTO, Geselda; AGUIAR, Fernando. "A 'psicologia do ego' e a psicanálise: das diferenças teóricas fundamentais". *Revista de Filosofia*, v. 19, n. 25, p. 307-331, 2007.
- BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucila (Orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BLEICHMAR, Emilce Dio. *O feminismo espontâneo da histeria: estudo dos transtornos narcisistas da feminilidade*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1988.
- BRENNAN, Teresa (Org.). *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- BUTLER, Judith. "Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault". In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucila (Orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. p. 139-154.
- _____. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'". *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.
- _____. "Tráfico sexual – Entrevista. Gayle Rubin com Judith Butler". *Cadernos Pagu*, n. 21, p. 157-209, 2003a.
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *A sexualidade feminina*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- CHODOROW, Nancy. "Estrutura familiar e personalidade feminina". In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 65-94.
- _____. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.
- COSTA, Claudia de Lima. "As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução". *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 43-48, 2000.

- DIMEN, Muriel. "Corações estranhos: da relação paradoxal entre a psicanálise e o feminismo". In: ROTH, Michael (Org.). *Freud: conflito e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 185-196.
- FEMENÍAS, María Luisa. *Judith Butler: introducción a su lectura*. Buenos Aires: Catálogos, 2003.
- FLAX, Jane. "Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista". In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 217-250.
- _____. *Psicoanálisis y feminismo. Pensamientos fragmentarios*. Valência, Espanha: Ediciones Cátedra/Universitat de Valência, Instituto de la Mujer, 1995.
- FREUD, Sigmund. "A organização genital infantil (uma interposição na teoria da sexualidade)" (1923); "Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos" (1923); "A dissolução do complexo de Édipo" (1924); "Sexualidade feminina" (1931); "Feminilidade" (1933[1932]). *ESBOPC de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GALLOP, Jane. "Andando para trás ou para a frente". In: BRENNAN, Teresa (Org.). *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 43-60.
- GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.
- GROSSI, Miriam; HEILBORN, Maria Luísa; RIAL, Carmem. "Entrevista com Joan Wallach Scott". *Revista Estudos Feministas*, v. 6, n. 1, p. 114-124, 1998.
- KNUDSEN, Patrícia Porchat. *Gênero, psicanálise e Judith Butler – do transexualismo à política*. 2007. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- _____. "Feminismo e psicanálise, ainda..." *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 618-625, 2001. Resenha.
- MITCHELL, Juliet. "Mulheres: a revolução mais longa". *Revista Civilização Brasileira*, ano III, n. 14, p. 5-41, 1967.
- _____. *Psicanálise e feminismo. Freud, Reich, Laing e mulheres*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- _____. *Psicanálise da sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- MOI, Toril. "O pensamento patriarcal e a pulsão do conhecimento". In: BRENNAN, Teresa. *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 253- 275.
- NUERNBERG, Adriano H. *Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia*. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências

- Humanas, Área de Concentração Estudos de Gênero, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. "Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler". *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002.
- RIVIÈRE, Joan; JONES, Ernest; DEUTSCH, Hélène; LACAN, Jacques; HORNEY, Karen; FREUD, Sigmund. *La femineidad como mascara*. Barcelona: Turquets Editores, 1979.
- ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- RUBIN, Gayle. "The Traffic in Women: Notes on 'The Political Economy' of Sex." In: REITER, Rayna (ed.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.
- _____. "Prefácio a 'Gender and Politics of History'". *Cadernos Pagu*, n. 3, 1994.
- _____. "'La querelle des femmes' no final do século XX". *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 367-388, 2001.
- _____. "O enigma da igualdade". *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.
- STOLLER, Robert. *Masculinidade e feminilidade: apresentação do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- TUBERT, Silvia. "Introducción a la edición española". In: FLAX, Jane. *Psicoanálisis y feminismo. Pensamientos fragmentarios*. Valência, España: Ediciones Cátedra/Universitat de València, Instituto de la Mujer, 1995.

[Recebido em fevereiro de 2009 e
aceito para publicação em novembro de 2009]

Feminism, Psychoanalysis, Gender: Travels and Translations

Abstract: This article investigates the articulations/tensions between feminist theory and psychoanalysis, discussing traditionally known women authors on gender studies in Brazil. Considering the issue of dissemination of theories, through the translation of basic and relevant texts, they focus on accidents and predicaments that invariably occur in the "travel of theories" (COSTA, 2000) to other languages, countries, continents and contexts, highlighting, however, and in spite of them, the importance of translation in the dissemination and dialogue of theories.

Key Words: Theories; Feminism; Gender; Psychoanalysis.